

## A SINGULAR VIDA MUSICAL DO COMPOSITOR JOSEPH BERGLINGER

Raquel Meneguzzo<sup>1</sup>  
Michael Korfmann<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta contribuição propõe uma tradução comentada do conto *Das merkwürdige musikalische Leben des Tonkünstlers Joseph Berglinger*, última parte da obra *Herzensergießungen eines kunstliebenden Klosterbruders*, uma coletânea de ensaios, poemas, cartas e narrativas escritos em 1796 por Wilhelm Heinrich Wackenroder e Ludwig Tieck. Trata-se de um conto essencial para entender as concepções e problemáticas dos românticos referentes ao valor da arte numa sociedade funcionalmente diferenciada. Em termos tradutórios, a musicalidade do texto apresenta um desafio a ser superado através de diferentes recursos linguísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Wackenroder; Tieck; Romantismo; música; tradução.

**ABSTRACT:** This paper proposes a commented translation of *Das merkwürdige musikalische Leben des Tonkünstlers Joseph Berglinger*, the last chapter of *Herzensergießungen eines kunstliebenden Klosterbruders*, a collection of essays, poetry, letters and narratives, written in 1796 by Wilhelm Heinrich Wackenroder and Ludwig Tieck. It is an essential work to understand the concepts and issues with regard to the romantic valuation of art in a functionally differentiated society. In terms of translation, the melodic quality of the text is a challenge to be overcome through varied linguistic resources.

**KEYWORDS:** Wackenroder, Tieck, Romanticism, music; translation.

### Introdução

*A singular vida musical do compositor Joseph Berglinger* é o último escrito da coletânea *Desabafos efusivos de um monge amante da arte*, uma coleção de ensaios, poemas, cartas e narrativas atribuídas ficticiamente a um monge, mas escrita de fato em 1796 por Wilhelm Heinrich Wackenroder (1773 - 1798) e Ludwig Tieck (1773 – 1853).

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Professor de Literatura Alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ambos são considerados fundadores da estética musical do romantismo, pois acreditavam em um caráter transcendental da música que poderia em certos momentos extáticos elevar o homem para além de si mesmo. Apesar de ser ainda objeto de especulações quanto à autoria dos diversos textos, boa parte da crítica atribui o conto em questão a Wackenroder (NEHRING, 1983; BOLLACHER, 1983). A obra é escrita em oposição explícita a uma concepção da arte no sentido técnico e formula algumas das concepções e problemáticas artísticas fundamentais do romantismo. Na introdução, Tieck enfatiza que os textos “não são lavrados no tom do mundo atual, pois este tom não é dominado por mim e, para ser sincero, não sou capaz de amá-lo” (WACKENRODER e TIECK, 1979, p. 5). *A singular vida musical do compositor Joseph Berglinger* encena a esfera da arte e a da realidade cotidiana da sociedade como opostos absolutos e irreconciliáveis, dramatizados no contraste entre “céu” (arte) e “terra” (sociedade). A sociedade é retratada como ignorante frente à arte e apenas preocupada em aumentar seus lucros materiais, um mundo do qual o entusiasta musical Berglinger quer fugir a qualquer custo. Enquanto Berglinger anseia por uma vida dedicada à música religiosamente transfigurada, ou seja, quer realizar exclusivamente comunicações de arte, a estrutura da sociedade diferenciada lhe obriga sempre a participar das comunicações alheias a este campo, primeiro na casa de seu pai, desinteressado pela música, depois como músico empregado e compositor. Esse conflito causa, no final do conto, sua morte precoce. O artista se deixa levar pela fascinação inserida na presunção de que, dentre as possibilidades sociais, a arte seria uma forma especial, de nível mais elevado e exclusivo. Essa fascinação o seduz pela ideia de viver somente dedicado à arte e de se tornar indiferente à existência e ao sentido dos outros sistemas funcionais sociais. Berglinger promete a si mesmo: “Toda tua vida debes permanecer, ininterruptamente, nesse belo encantamento poético, e tua vida inteira deve ser *uma música*” (WACKENRODER, 1963, p. 115). Mas, na sociedade moderna, uma pessoa não pode viver apenas e exclusivamente em um único sistema funcional e se constituir através do entusiasmo artístico, pois dela são exigidas várias funções, experiência também vivida por Berglinger. Seu anseio por uma arte superior e totalizante, acima das diversas áreas sociais, confronta-se com a ordem

social onde a arte “não vale mais do que um jogo de cartas ou qualquer outro passatempo” (WACKENRODER, 1963, p. 176). Mais tarde, escritores como Gottfried Benn falam da necessidade de uma “vida dupla”. Berglinger também sofre essa coação:

Em minha juventude, eu aspirava escapar a esse vale de lágrimas, mas acabei caindo e me afundando de vez na lama. Infelizmente, uma coisa é certa: mesmo com todo o esforço de nossas asas mentais, não podemos nos libertar da terra, ela nos puxa de volta com violência, e nós tombamos mais uma vez bem no meio da mais ordinária multidão de homens. (WACKENRODER, 1963, p. 126).

Berglinger recusa-se a permanecer preso à “lama da terra” em vez de subir ao “céu da arte”, e Wackenroder o deixa morrer no “florescer de seus anos”. Poder-se-ia ver nisso um momento de autocorreção, revogando a sobrevalorização da arte como o auge da existência. Interessante é o fato de que a literatura romântica projeta na música um ideal estético superior à linguagem diferenciadora e cuja pureza deve ser alcançada pelo próprio texto literário, justamente num período onde a música instrumental é vista e se estabelece como ponto culminante da música em geral.

Paralelamente, esta música pura é novamente descrita como linguagem: “Algumas passagens da música eram-lhe tão claras e marcantes que os sons lhe pareciam palavras” (WACKENRODER, 1963, p. 165). Mas tentativas de dar forma à experiência artística fracassam na insuficiência da linguagem de abranger a totalidade sentida. Depois de ter apreciado uma obra de arte, Berglinger enfrenta o dilema de expressar seu sentimento a respeito, pois não lhe é possível elogiar a arte “com palavras engenhosas” (WACKENRODER, 1963, p. 174). No momento em que linguagem e palavras prosaicas são sentidas como meios de diferenciação e tendencialmente incapazes de expressar a totalidade objetivada, a musicalização da literatura, ou pelo menos a tematização da música como arte mais próxima do absoluto, a festeja como linguagem mais direta, mais sensual ou quase como uma comunicação pré-babilônica de uma compreensão ilimitada. Somente quando a literatura dissolve a rigidez de sua comunicação diferenciada e categórica em construções textuais mais fluidas e impregnadas de harmonias esféricas, ela se torna capaz de revelar as

“estruturas secretas da existência numa mistura milagrosa de alegria e tristeza [...] mais estimuladora quanto mais oculta e misteriosa é sua linguagem” (WACKENRODER, 1963, p. 165-166). No espelho dos tons, o coração humano aprende a se conhecer; é através deles que aprendemos a sentir o sentimento. Estiliza-se a música na sua qualidade desdiferenciadora que supera e suspende a redução prosaica da fala como redenção ou salvação das limitações experimentadas.

Justamente essa correspondência entre a música e a língua oferecem um desafio para esta tradução, que procura, através de diferentes recursos, exprimir a musicalidade e a força do texto original. A opção pelos pronomes "tu" e "vós" confere um tom arcaizante à tradução, ao mesmo tempo em que remete aos usos comuns destes pronomes em textos cristãos. Outras colocações pronominais, como o uso amplo de ênclise, eventual de mesóclise (“conceder-te-á”) ou da contração do pronome oblíquo com o objeto direto (“ma”, “lhos”) também colaboram para o estilo arcaizante. Já a riqueza de adjetivos permitiu que se explorasse palavras de uso raro na língua corriqueira. Se, por um lado, a leitura se torna mais lenta, por outro, se torna também mais atenta, e as imagens evocadas pelo autor, mais vívidas. É este o impacto intentado quando o narrador afirma em português que o espírito de Joseph "adejava como uma borboleta na tepidez dos ares" (WACKENRODER, 1963, p.176), em vez de “voejar” ou “voar” pelo “calor” dos ares, ou ainda que Joseph é movido por “ima”, em vez de “íntima” devoção (WACKENRODER, 1963, p. 178). A tentativa de encontrar expressões que não sejam de uso corrente, como por exemplo, traduzir *in der Blüte seiner Jahre* por “no florescer de seus anos” e não por “na flor da idade” também serve para recompensar algumas perdas, como, por exemplo, a vivacidade das imagens criada pelos verbos em alemão, que são capazes de unir-se a prefixos que indicam a direção em que determinado movimento acontece. Pode-se dizer que o verbo alemão utilizado para descrever sua alma como a semente de uma arvorezinha, *hervorschießen*, evoca uma imagem mais clara e dinâmica do que “crescer”, pois junta a partícula *hervor*, que indica o movimento para fora, para cima e/ou para frente de algo que se projeta com certa ênfase, ao verbo *schießen*, que *grosso modo* significa atirar ou mover-se rapidamente em uma direção. O mesmo vale ainda para a descrição

de seus sentimentos na igreja enquanto aguardava a música e quando ela começava. Para *hervorbrechen*, com o mesmo prefixo, dessa vez unido ao verbo “quebrar”, tem-se “irromper”; para *daherziehen*, cuja partícula *daher* indica um movimento de longe para perto e cujo verbo *ziehen* pode ser traduzido por “puxar”, tem-se “avançar”; para *ausspannen*, estirar ou tensionar para fora, tem-se “estender”; para *emporschweben*, flutuar até as alturas, tem-se “subir”.

De modo geral, a ordem sintática permanece a mesma na tradução, mas é por vezes alterada para a ordem direta a fim de evitar intercalações por vírgulas e intensificar o arrebatamento que a música causa em Berglinger, já que um período longo precisa então ser lido de um só fôlego, como em “e quando ele irrompia imensa e prolongadamente daquele torpor inerte, e toda a força das notas avançava por sobre sua cabeça como uma lufada de ar vinda dos céus”, cuja ordem sintática original seria “e quando ele irrompia daquele torpor inerte, imensa e prolongadamente, e, como uma lufada de ar vinda dos céus, toda a força das notas avançava por sobre sua cabeça” (WACKENRODER, 1963, p. 177).

Para os dois poemas foram escolhidos versos mais longos por uma necessidade da língua portuguesa, que é mais analítica e possui palavras mais longas, e por uma necessidade formal. Em detrimento de uma tradução mais literal, versos foram parafraseados, imagens foram adicionadas, suprimidas ou alteradas para que o esquema de rimas se mantivesse intacto, um certo rigor métrico fosse reconhecível e o ritmo contribuísse para a musicalidade que perpassa o texto. Analisemos brevemente o primeiro poema escrito por Berglinger. Ainda que seja composto por cinco sextetos em redondilhas maiores, há um verso que viola a entonação natural da leitura para adequar-se à métrica, pois é preciso acentuar o último "a" em *Cäcilia*. De modo análogo, a tradução pede um hiato entre o "a" final em "pura" e o "ó" seguinte para se adequar ao restante dos dodecassílabos, cujas rimas seguem o esquema do texto original, isto é, AABCCB. Também tomou-se o cuidado de manter a repetição das palavras no texto em alemão, caso de *Welt* e *Geist*, na tradução "mundo" e "espírito", respectivamente. A primeira estrofe traduz-se livremente por “Vê como eu choro inconsolável / sozinho no meu pequeno quarto / Santa Cecília! / Vê-me fugir ao mundo

/ para ajoelhar-me quieto diante de ti / Ah, eu rezo: esteja perto de mim!”. Se o desespero e a austeridade não estão expressos no poema em alemão, são certamente consoantes com o tom do poema. Outra diferença que salta aos olhos entre os dois textos é a imagem criada em português para que Santa Cecília fique perto do eu-lírico. Ainda que o pedido se dê pelo uso de uma metáfora, ou seja, perca parte de sua força por ser feito de forma indireta, ele se adequa bem à imagem do dedo que guia a lira na terceira estrofe. Se, por um lado, através do emprego do pronome "vós" a intimidade com que o eu-lírico se dirige à Santa Cecília através do pronome *du* em alemão é perdida, e também a supressão da interjeição no último verso colabora para tanto, por outro lado, a invocação através do uso de "ó" repetidas vezes, pois o verso também torna a aparecer mais adiante no poema, reestabelece parte desse elo, ainda que talvez parte do vínculo de intimidade seja suprimido por um senso maior de devoção. Por fim, o eu-lírico alemão não intenta o conselho da santa expressamente, mas todo o poema é um pedido de inspiração, e, para um romântico, o melhor conselho só poderia ocorrer dessa forma. Uma análise meticulosa das estrofes seguintes, bem como do segundo poema escrito por Berglinger, embora não seja o objetivo desta introdução, continuaria a revelar as diferenças entre a tradução e o original, mas, de modo geral, deixaria claro que as mudanças mais significativas servem o propósito de manter o tom e a musicalidade dos poemas, sem alterar o sentido em sua essência. De modo mais sutil, pode-se dizer o mesmo do texto em prosa.

**Tradução****A SINGULAR VIDA MUSICAL DO COMPOSITOR JOSEPH BERGLINGER****Primeira parte**

Inúmeras vezes voltei meus olhos para trás a fim de contemplar e deleitar-me com os tesouros da arte de séculos passados. No entanto, desta vez sinto-me impelido a demorar-me no presente e empreender a tentativa de contar a história de um artista que conheci desde sua tenra infância e que foi meu amigo mais íntimo. Ah, infelizmente partiste cedo desta terra, meu Joseph!, e não será fácil encontrar novamente alguém como tu. Mas quero encontrar conforto ao narrar tua história, no modo que tu ma contavas em detalhes nas belas horas que passávamos juntos e no modo que te conheci interiormente, quero contá-la desde o princípio àqueles que por ela se interessarem.

Joseph Berglinger nasceu em uma pequena cidade do sul da Alemanha. Sua mãe partiu deste mundo ao dá-lo à luz; seu pai, um homem de idade já naquele tempo, praticava a arte da medicina e vivia à míngua. A sorte lhe havia dado as costas e se lhe custou seu suor amargo para guiar a si e a seus seis filhos (pois Joseph tinha ainda cinco irmãs) pela vida, já que ainda lhe faltava uma governanta judiciosa.

Esse pai fora de início um homem afável e de muito bom coração, que só sabia ajudar, aconselhar e dar esmolas, tanto quanto lhe permitia sua situação, e que dormia melhor que de costume toda vez que realizava uma boa ação. Com emoção sincera e gratidão a Deus, era capaz de alimentar-se durante muito tempo dos bons frutos de seu coração e nutria seu espírito de impressões enternecedoras. De fato, somos acometidos por uma profunda comiseração e por um amor sincero toda vez que contemplamos a simplicidade invejável dessas almas, que encontram, na expressão costumeira do bom coração, um abismo tão inexaurível de glória divina que faz deste o seu céu na terra, através do qual se reconciliam com o mundo e se mantêm em complacência. Era

exatamente isto que Joseph sentia quando observava seu pai, mas o céu lhe havia feito de tal modo que se via sempre compelido a aspirar pelas coisas mais elevadas; a simples saúde da alma não lhe era suficiente, nem o fato de que ela realizava obras justas sobre a terra, através do trabalho e de boas ações. Ele queria que sua alma se elevasse em uma dança exuberante e desenfreada e se alçasse aos céus, como se subisse às suas origens, num regozijo ascendente.

No entanto, o temperamento de seu pai também era composto por outras coisas. Ele era um médico trabalhador e diligente que, durante toda sua vida, se comprouvera em estudar os fenômenos curiosos que se ocultavam no corpo humano, além de todas as penosas doenças e deficiências que eram compreendidas pela ampla ciência da medicina. Este estudo assíduo tornara-se, contudo, como acontece com frequência, um veneno sorrateiro que atordoava seus nervos, permeava suas veias e roía muitas das cordas que ressoavam em seu peito humano. Acresceu-se a isto o descontentamento com as mazelas de sua pobreza, e, por fim, a tudo isso acresceu-se a idade.

Tais atribuições desgastavam a benevolência original de seu caráter, pois as experiências pelas quais o homem passa pervadem as almas mais frágeis através do sangue e transformam seu cerne sem que ele o saiba. Sob seus cuidados, os filhos do velho médico cresceram como ervas daninhas em um jardim abandonado. As irmãs de Joseph eram em parte enfermiças, em parte fracas de espírito, e levavam uma vida deploravelmente solitária em sua casa pequena e escura.

Ninguém poderia ajustar-se menos a tal família do que Joseph, que vivia imerso em devaneios de beleza e sonhos celestiais. Sua alma era tal qual uma arvorezinha delicada, cuja semente deixara cair um pássaro em meio a ruínas ermas, e que crescia virginal por entre as duras pedras que a cercavam. Ele fora desde sempre solitário e quieto, e se alimentava de suas próprias fantasias interiores, por que também seu pai o considerava um pouco avesso e parvo. Amava francamente seu pai e suas irmãs, mas estimava seu próprio íntimo acima de tudo e mantinha-o cuidadosamente escondido dos outros. Assim mantém-se escondido um pequeno tesouro, cuja chave não se entrega às mãos de ninguém.

Sua maior felicidade, desde a tenra infância, encontrava ele na música. Ocasionalmente ouvia alguém tocar piano e ele mesmo também tocava alguma coisa. Através da apreciação contínua, instruiu-se aos poucos de tal forma que todo seu íntimo se tornara música, e sua mente, instigada por tal arte, errava sempre pelos labirintos alvorecentes de sensações poéticas.

Uma viagem à residência episcopal rendeu-lhe uma época excelente de sua vida. Um parente abastado que lá morava e a ele se havia afeiçoado recebeu-o como hóspede por algumas semanas. Ali viveu como se estivesse no céu: seu espírito regalava-se com a música em toda sua beleza e esplendor e adejava como uma borboleta na tepidez dos ares.

Gostava principalmente de visitar as igrejas e ouvir os santos oratórios, cantilenas e coros com seus trombones imponentes e a reverberação dos trompetes sob as abóbadas, momentos nos quais com frequência ajoelhava-se humildemente, movido por uma devoção. Antes de a música começar, parecia-lhe que estivesse em meio a uma multidão fervilhante, que murmurasse e pululasse baixinho, como se a vida ordinária e mundana fosse uma grande feira que zunisse desordenadamente sem melodia alguma ao seu redor; sua cabeça era aturdida pelas miudezas vazias e terrenas. Expectava ansiosamente a primeira nota dos instrumentos; e quando ele irrompia imensa e prolongadamente daquele torpor inerte, e toda a força das notas avançava por sobre sua cabeça como uma lufada de ar vinda dos céus; então parecia-lhe que repentinamente se estendessem de sua alma imensas asas, parecia-lhe que fosse alçado de um campo árido, que se esvanecesse a turva cortina de nuvens que lhe cobriam os olhos mortais e que subisse em direção ao céu claro. Então sustentava-se com seu corpo quieto e imóvel e fixava os olhos no chão, inabalável. O presente afundava diante de si, seu íntimo era varrido de todas as miudezas terrenas, que são o verdadeiro pó a cobrir o esplendor da alma; a música inundava seus nervos com suaves jorros e elaborava, conforme variava, diversas imagens diante de seus olhos. Eram essas as fortes impressões que o tomavam durante as jubilosas e sublimes canções de louvor a Deus; era como se visse o rei Davi, em seu manto real, coroa sobre a cabeça, dançar exultante diante da Arca da Aliança; ele via todo seu enlevo e seus movimentos, e o

coração latejava em seu peito. Milhares de impressões adormecidas acordavam em seu âmago e agitavam-se maravilhosamente umas sobre as outras. Sim, durante algumas passagens da música, parecia-lhe até que sua alma fosse banhada por um raio de luz extraordinário; era como se subitamente se tornasse muito mais sábio e, das alturas, visse com olhos mais lúcidos o mundo efervescente, tomado por uma compaixão complacente e nobre. Tudo isso lhe era tão nítido que, quando a música era finda e ele deixava a igreja, sentia-se mais puro e mais nobre. Todo o seu ser ainda fulgurava devido ao vinho do espírito que o inebriara, e tudo por quanto passava via ele com outros olhos. Quando via pessoas paradas na calçada a rir ou a contar novidades, tinha uma impressão singularmente repulsiva. Pensava: toda a tua vida deves permanecer, ininterruptamente, neste belo encantamento poético, e tua vida inteira deve ser *uma* música.

Quando, porém, unia-se a seus parentes para o almoço e encontrava-se em companhia de pessoas divertidas e despreocupadas, ficava descontente por tão logo ter voltado à vida prosaica e por tão logo ter se dissipado a nuvem resplandecente de seu enlevo.

A dissensão amarga entre seu entusiasmo etéreo nato e a parte trivial da vida do homem comum, que todos os dias arrancava violentamente as pessoas de seus arroubos, torturou-o durante toda sua vida.

Quando Joseph se encontrava em um grande concerto, sentava-se a um canto sem prestar atenção à aglomeração cintilante da plateia e ouvia com a mesma devoção que dedicava à música na igreja: quieto e imóvel, com os olhos pregados no chão. Nota alguma escapava-lhe e, ao final, encontrava-se bambo e exaurido da concentração contínua. Sua alma sempre viva era toda um jogo de sons. Era como se fosse libertada do corpo e fremissem pelo espaço, ou como se seu corpo a ela se unisse e virasse também alma, de tão livre e levemente que seu ser se fundia às harmonias musicais; e as mais tênues dobras e inflexões dos sons imprimiam-se em sua alma maleável.

Em alegres e encantadoras sinfonias, que amava acima de tudo, parecia-lhe ver um coro alvoroçado de meninos e meninas que dançassem sobre um campo vistoso; via como saltitavam para frente e para trás e como por vezes se uniam em pares para

falar um ao outro em pantomimas, para então se fundirem novamente ao festivo grupo. Algumas passagens da música eram-lhe tão claras e marcantes que os sons lhe pareciam palavras. Em outros momentos suscitava a música uma fabulosa mistura de felicidade e tristeza em seu coração, de modo que beirava o riso e o pranto ao mesmo tempo, uma sensação que tanta vez cruza nossos caminhos, e não há arte mais apropriada para expressá-la do que a música. E com que enlevo e com que assombro ouvia ele uma peça assim, que nasce numa melodia alegre e jocosa, como um riacho, mas que pouco a pouco, despercebida e deslumbrantemente, descamba para tórbidas convoluções e rebenta num pranto copioso e intenso, ou desaba com estrondos tenebrosos de penhascos intocados. Todas essas variegadas sensações incitavam em sua alma consonantes imagens sensuais e pensamentos inauditos: um dom maravilhoso da música, cuja arte tanto mais intensamente nos atinge, tanto mais agita todas as forças do nosso ser, quanto mais obscura e enigmática for sua linguagem.

Os belos dias que Joseph passou na residência episcopal tiveram seu fim, e ele precisou retornar à casa paterna. Como foi pesaroso o retorno! Quão miserável e oprimido sentia-se de volta a uma família cuja existência e ocupação concentravam-se na mera satisfação das necessidades físicas mais imediatas e a um pai que tão pouco aquiescia às suas inclinações. Este desprezava e desdenhava de todas as artes, pois as considerava servas dos desejos e das paixões exuberantes e adadoras do mundo dos privilegiados. Desde muito cedo, havia percebido com desgosto que seu Joseph tanto se afeiçoava à música, e vendo que esse amor só fazia crescer em seu menino, empenhou-se em uma tentativa séria e contínua de demovê-lo de sua pernicioso inclinação para uma arte cujo exercício não valesse mais do que o próprio ócio e que servisse apenas para satisfazer a luxúria dos sentidos, e de volvê-lo para a medicina, a mais benéfica e mais útil das ciências. Empenhou-se com afinco em instruí-lo em seus rudimentos e deu-lhe em mãos livros para que aprofundasse seus estudos.

Era uma situação deveras martirizante e penosa para o pobre Joseph. Ele reprimiu o entusiasmo em seu peito para não magoar seu pai e obrigou-se a tentar aprender uma ciência profícua nas horas vagas. Mas era uma eterna batalha em sua alma. Percorria dez vezes a mesma página de um livro sem atinar para o que lia; em

seu íntimo, sua alma entoava constantemente suas fantasias melódicas. O pai ficava assaz preocupado com ele.

Seu amor intenso pela música dominava-o cada vez mais. Se passasse algumas semanas sem que uma nota lhe chegasse aos ouvidos, sentia que seu espírito adoecia gravemente. Percebia que sua sensibilidade se estreitava, um vazío se erguia em seu íntimo e uma ânsia incontrolável de se deixar arrebatado por música o acometia. E então mesmo os músicos comuns de festas e quermesses, com seus instrumentos de sopro, eram capazes de instigar-lhe sentimentos que mal supunham concebíveis. E sempre que havia música em alguma das cidades vizinhas, para lá se adiantava com um anseio ardente, sob neve, chuva ou tempestade.

Quase todos os dias recordava nostálgicamente sua esplêndida estadia na residência episcopal e evocava em sua alma todas as maravilhas que lá ouvira. Amiúde recitava consigo, de memória, as comoventes e encantadoras palavras do oratório eclesiástico que primeiro que ouvira e que nele deixara uma profunda impressão:

Stabat Mater dolorosa  
Juxta crucem lacrymosa,  
Dum pendebat filius:  
Cujus animam gementem,  
Contristantem et dolentem  
Pertransivit gladius.

O quam tristis et afflicta  
Fuit illa benedicta  
Mater unigeniti:  
Quae moerebat et dolebat  
Et tremebat, cum videbat  
Nati poenas inclyti.

E assim por diante.

Ah, mas não! Quando um momento de tamanho êxtase – ou porque vivesse em sonhos etéreos, ou porque voltasse plenamente inebriado do desfrute de alguma música esplêndida – era interrompido porque suas irmãs brigassem por um vestido novo, ou porque seu pai não conseguisse dar à irmã mais velha uma quantia suficiente para as despesas da casa, ou porque seu pai contasse das cruciantes misérias e padecimentos de algum doente, ou porque batesse à porta uma mulher velha e corcunda que, trajada em seus farrapos, não se pudesse proteger do inverno gélido; Ah! Não há no mundo

sentimento tão terrivelmente amargo, tão lancinante quanto aquele que nesses momentos espedaçava o coração de Joseph. Ele pensava “Meu Deus Amado! Então esse é o mundo em sua verdadeira forma? E é do Teu desejo que eu me misture ao turbilhão das pessoas comuns e tome parte em sua miséria cotidiana? É de fato o que me parece; meu pai prega sempre que é o dever e o propósito do homem misturar-se e dar conselho e esmola, e enfaixar as feridas repulsivas e curar as doenças desfigurantes! E ainda assim, mais uma vez, clama fervorosamente uma voz interna: Não! Não! Tu nasceste para um destino mais elevado e mais nobre!” Agonizava com tais pensamentos muitas e longas vezes e não podia encontrar solução; antes que pudesse dar por si, dissipavam-se de sua alma as avessas imagens que pareciam sugá-lo violentamente para a lama deste mundo, e seu espírito voltava a devanear despreocupado pelos ares.

Aos poucos foi tomado pela convicção de que Deus o havia trazido ao mundo para se tornar um esplêndido artista da música; e ocasionalmente pensava que os céus o alçariam da miséria estreita e anuviada que tivera de aturar na infância para tão maior glória. Muitos tomarão por mera fantasia romanesca e artificial se eu lhos contar, mas é a mais pura verdade que, diversas vezes, quando se encontrava só, era acometido pelos arroubos mais profundos de seu coração, caía de joelhos e suplicava a Deus que o guiasse, para que pudesse um dia tornar-se um artista glorioso perante o céu e a terra. Nessa época, como seu sangue, acossado pelas ideias que convergiam sempre na mesma direção, fervia violentamente, ele escrevia diversos poemas que descreviam o estado de sua alma ou compunham um elogio à arte musical e que depois, com grande alegria, musicava do seu modo sensível e pueril, sem o conhecimento das regras. Uma mostra de tais canções é a oração que segue, dedicada àquela dentre os santos que é venerada como a protetora da música:

Vede meu pranto, inconsolável desespero,  
Sozinho nesta alcova de silêncio austero,  
Ó pura, ó santa, Cecília imaculada!  
Vede que fujo ao mundo e intento teu conselho,  
E para tanto tombo imóvel de joelhos  
Pousai em mim, suplico, vossa mão sagrada!

As vossas primorosas e exultantes notas,

Das quais minha encantada alma é tão devota,  
Invadiram todo o meu ser de comoção.  
Aniquilai em mim o medo dos sentidos,  
Deixai que me desfaça em cânticos benditos,  
Que animam e arrebatam esse coração.

Se vós pousais o dedo sobre o meu na lira,  
De modo tão profundo o vosso servo inspira  
Que dele soarão excelsos sentimentos,  
Que do meu timbre em toda afável criatura,  
Deleitosos prazeres, doces amarguras,  
Agitar-se, acalmar-se-hão, conforme o intento.

Que eu possa com altiva reverberação,  
No templo da sublime e pia adoração,  
Um glória sacro, uma hosana elevada  
A vós e aos santos da Igreja consagrar,  
E assim milhares de cristãos regozijar,  
Ó pura, ó santa, Cecília imaculada!

Concedei que eu invada o espírito do irmão,  
E torne-me, através da força da canção,  
De seu íntimo mestre e inspirado guia.  
Deixai que meu espírito pervada o mundo  
E o semeie com compaixão e amor profundo  
E o inebrie de divina fantasia!

Por mais de um ano, Joseph ponderou e afligiou-se solitariamente com a decisão que desejava tomar. Um poder irresistível compelia seu espírito a voltar para a grandiosa cidade, que ele considerava um paraíso, pois todo ele queimava com o desejo de lá aprender a arte da música desde o princípio. A relação com seu pai, no entanto, afligia seu coração. Este já notara que Joseph não mais se dedicava com seriedade e diligência ao estudo de sua ciência, então desistiu em parte do intento de torná-lo médico e recolheu-se em seu descontentamento, crescente com o passar dos anos. Ocupava-se cada vez menos de seu filho, enquanto Joseph nem por isso perdera sua sensibilidade pueril. Esta lutava eternamente contra sua inclinação, e Joseph não conseguia, em presença do pai, reunir as forças necessárias para revelar o que ele haveria de descobrir em algum momento. Sofreu dias inteiros ponderando sobre este dilema, mas não havia jeito de vencer o estarrecedor abismo de dúvidas, e nenhuma de suas mais fervorosas súplicas a Deus lhe dava frutos, o que quase trucidou seu coração. Sobre todos estes estados conturbados e pesarosos em que então se encontrava atestam as próximas linhas, que encontrei em meio a seus papeis:

Ah, o que será isso que me agita,  
Com braço vigoroso aperta e incita  
A partir para longe e diz-me: vai!  
Afasta-te e esquece do teu pai?  
Ah, o que deverei em inocência  
Suportar de tormento e penitência!

Cristo, por Vossas chagas, podeis Vós  
Calar no coração do medo a voz?  
Não podeis conceder-me a salvação,  
Inda que logre só na contrição?  
Não podeis dar-me o trilho mais direito?  
E deitar tua palavra no meu peito?

Se não vierdes logo em meu auxílio,  
Nem tombardes a carne do teu filho,  
Deverei sucumbir à força espúria,  
Viverei, pávido, servindo a fúria,  
Que ao meu pai me arranca e quer me opor:  
Força oculta de presa e predador!

Seu medo ficava cada vez maior; a tentação de fugir para a grandiosa cidade, cada vez mais forte. Então o céu, pensava ele, não virá ajudar-te? Não conceder-te-á nem um sinal que seja? Sua paixão finalmente atingiu seu apogeu quando, em uma dissensão por assuntos domésticos, seu pai afrontou-o em um tom diferente do costumeiro e desde então passou a rejeitá-lo. Estava decidido: deitou fora todas as dúvidas e hesitações; não queria refletir por nem mais um segundo. A Páscoa aproximava-se, e ele queria festejá-la na companhia de sua família, mas assim que passassem as festividades, partiria para o vasto mundo.

Passaram as festividades. Esperou que se desse a primeira manhã ensolarada, na qual o brilho que provinha do céu parecia embevecê-lo e seduzi-lo; e então partiu cedo de casa, como lhe era habitual; no entanto, dessa vez não retornou. Repleto de encanto e com o coração às marteladas, apressou-se pelas ruelas da pequena cidade. Queria livrar-se de tudo que via ao seu redor para lançar-se a céu aberto. Uma parente encontrou-o em uma cruzada e perguntou:

— Por que vais tão apressado, primo? Vais à feira buscar verdura fresca para a casa?

— Sim, é claro — exclamou Joseph perdido em pensamentos e, tomado de júbilo, correu trêmulo pelos portões da cidade afora.

Mas após vencer uma pequena carreira pelo campo e olhar em volta, rebentaram-lhe dos olhos fartas lágrimas. Devo voltar? – pensou consigo. Mas continuou a correr, como se lhe queimassem os calcanhares, e as lágrimas continuavam a escorrer-lhe pela face, e ele corria como se quisesse fugir delas. E foi assim que passou por algumas aldeias e por alguns rostos desconhecidos: a vista do mundo inaudito restituiu-lhe a coragem, ele sentia-se livre e forte. Aproximava-se cada vez mais, até que finalmente, – ó bom Deus, que deleite! – avistou adiante as torres da grandiosa cidade.

### **Segunda Parte**

Retorno ao meu Joseph, que, passados alguns anos desde que o deixamos, tornou-se mestre de capela na residência episcopal e vive agora em grande esplendor. Seu parente, que de muito bom grado o acolheu, foi o criador de sua felicidade e cuidou que recebesse as lições elementares sobre a arte da música, e ainda apaziguou aos poucos o ânimo do pai em relação ao passo que Joseph tomara. Através de sua diligência vivaz, Joseph empenhara-se em sua ascensão, alcançando assim o auge da felicidade que jamais ousara desejar.

Apenas as coisas do mundo alteram-se diante de nossos olhos. Escreveu-me, quando já havia alguns anos era mestre de capela, a seguinte carta:

“Estimado Padre,  
esta vida que levo é uma vida miserável: quanto mais vós desejais acalantar-me, tanto mais amarga a sinto. Quando penso nos sonhos de minha infância – como eu era bem-aventurado nesses sonhos –, lembro que acreditava querer para sempre devanear e dispersar meu coração inteiro em obras de arte, mas já os primeiros anos de aprendizagem foram estranhos e acres! Vós não podeis imaginar como me senti desiludido! Tive de aprender que todas as melodias (ainda que despertassem em mim as mais heterogêneas e amiúde as mais fascinantes sensações) se erigiam a partir de uma única e imperiosa lei matemática! Que, ao invés de voar livremente, precisava primeiro escalar os arcabouços canhestros e as grades da gramática da arte! Como tive de padecer para, primeiro, produzir algo em conformidade com as regras de uma lógica

mecânica, geral e científica, para que somente então pudesse me ocupar em manejar meus sentimentos através do som! Era uma mecânica custosa! Mas ainda que o fosse! Eu possuía o vigor da juventude e ansiava com ardor por um futuro esplendoroso! E então? O futuro de glórias fez-se um presente de lástimas!

Quantas horas de júbilo desfrutei quando rapaz na ampla sala de concertos! Quando me sentava a um canto, quieto e imperceptível, e toda a pompa e a magnificência da música me embeveciam, e desejava tão ardentemente que um dia a plateia se reunisse para ouvir a *minha* obra e quisesse entregar a *mim* seus sentimentos! E, no entanto, sento-me com frequência nessa mesma sala e conduzo minha própria composição, mas não é nada disso que sinto. Como pude imaginar que esse público presunçoso, envolto em ouro e seda, pudesse se reunir para apreciar uma obra de arte, para acalantar seus corações, para oferecer suas emoções ao artista! Se essas almas não se impressionam nem na mais majestosa catedral, no mais solene dos dias santos, momento em que toda a grandiosidade e a beleza que a arte e a religião podem oferecer as atinge com veemência; como poderiam se impressionar na sala de concertos? A sensibilidade e o espírito para a arte tornaram-se antiquados e indecorosos; comover-se com uma obra de arte seria tão estranho e ridículo quanto passar repentinamente a se falar em versos e rimas em uma roda de conversa, quando se utilizara a vida toda de uma prosa sensata e coerente. E é por tais almas que esgotei meu engenho! É por elas que tanto me empenho, para que sintam algo. E esse é o elevado destino para o qual acreditei ter nascido!

E quando algum deles, algum que possua uma espécie de sensibilidade prematura, quer tecer elogios, faz comentários livrescos ou me apresenta questionamentos críticos, meu desejo é pedir a ele que não se empenhe tanto em aprender a sensibilidade da técnica. Só o céu sabe como me sinto! Quando uma música ou alguma outra obra de arte que me encanta chega ao fim e todo meu ser ainda a ressoa, nesses momentos eu gostaria de retratar meus sentimentos em uma tela com apenas *uma* pincelada, se uma única cor fosse capaz de expressá-los. Não me é possível tecer enaltecimentos com palavras engenhosas, eu não consigo proferir nada perspicaz.

Ao menos consola-me um pouco a ideia de que talvez um dia, em algum recanto da Alemanha, chegue algo surgido de minha pena, ainda que anos após a minha morte, e nesse lugar viva uma pessoa a quem o céu tenha concedido tamanha afinidade com minha alma, que ela sinta justamente aquilo que eu sentia enquanto escrevia e que tanto almejava incorporar à minha música. Uma bela ideia, com a qual alguém pode tranquilamente iludir a si mesmo durante algum tempo.

Mas o mais abominável de tudo são ainda as outras condições às quais o artista é submetido. Sobre toda a inveja repulsiva e a índole perversa, sobre todas as convenções e formalidades desprezíveis, sobre toda a subordinação da arte às vontades da corte: eu me recuso a proferir uma só palavra sobre quaisquer destas matérias! São coisas tão indignas e tão humilhantes para a alma humana que não me logra trazer ao menos uma sílaba aos lábios para tratar de tais assuntos. É uma tríplice desgraça para a música que tantas mãos sejam necessárias para que a obra de arte possa tão somente existir. Eu recolho e elevo toda minha alma para criar uma obra grandiosa, e cem cabeças insensíveis e ocas intervêm e demandam ora isso, ora aquilo.

Em minha juventude, eu aspirava escapar a este vale de lágrimas, mas acabei caindo e me afundando de vez na lama. Infelizmente, uma coisa é certa: mesmo com todo o esforço de nossas asas mentais, não podemos nos libertar da terra, ela nos puxa de volta com violência, e nós tombamos mais uma vez bem no meio da mais ordinária multidão de homens.

São artistas miserandos aqueles que vejo ao meu redor. Mesmo os mais requintados são tão frívolos que mal se conseguem conter de vaidade quando uma de suas obras é por vez a favorita do público. Céus! Não devemos metade de nossos méritos à divindade da arte, à eterna harmonia da natureza, e a outra metade ao nosso bondoso Criador, que nos concedeu o talento de empregar este tesouro? Todas as milhares de amáveis melodias que acordam em nós os mais variados sentimentos, não desabrocharam todas elas do trítone de sons que a natureza desde sempre nos ofereceu? Os saudosos, entre doces e dolosos sentimentos que, sem sabermos como, a música nos insufla, o que serão eles senão obra misteriosa da alternância de acordes maiores e menores? E não devemos agradecer ao Criador por nos conceder justamente

o engenho de agregar essas notas, que desde o início tiveram afinidade com a alma humana, de forma a enternecer nossos corações? Em verdade, é a *arte* que devemos prestigiar, e não o artista; este não é nada mais do que uma frágil ferramenta.

Vós vedes que meu zelo e amor pela música não são menores que dantes. No entanto, é justamente por isso que tanto me entristeço neste... Mas quero deixar-me disto, não vos desejo enfadar com a descrição de todas as condições adversas que me rodeiam. Basta, eu vivo em ares muito impuros. Quão mais perfeitamente eu não vivia então, quando na ingenuidade da juventude e no remanso da solidão eu podia apenas *apreciar* a música. Tão mais perfeitamente do que agora, que a professo em meio ao esplendor deslumbrante do mundo, às inúmeras vestes de seda, às inúmeras estrelas e cruzeiros, às inúmeras pessoas cultivadas e elegantes. Do que eu gostaria? Eu gostaria de abjurar toda essa cultura e fugir para as montanhas junto do modesto pastor suíço e de suas canções alpinas, de tocá-las com ele em todos os lugares que nos despertassem a saudade da terra.”

Dessa carta fragmentada pode-se ver em parte o estado em que Joseph se encontrava a exercer seu ofício. Sentia-se abandonado e solitário em meio ao zunir de tantas almas desarmoniosas. Sua arte era profundamente humilhada por não causar em ninguém, até onde soubesse, uma impressão vívida, ainda que ele a concebesse justamente com o propósito de enternecer o coração do homem. Em certas horas turbidas, era acometido pelo desespero e pensava: “como a arte é singular e estranha! Terá somente para mim uma força misteriosa e será para todos os outros apenas um entretenimento dos sentidos e um passatempo agradável? O que é ela então, na realidade e de fato, se é para todas as pessoas um nada e somente para mim alguma coisa? Não é a mais malfadada das ideias transformar tal arte em seu único propósito e ofício e imaginar milhares de coisas belas vindas de seus efeitos grandiosos sobre a alma humana? Vindas dessa arte, que na vida real e terrena não vale mais do que um jogo de cartas ou qualquer outro passatempo?” Quando tais pensamentos lhe ocorriam, julgava-se um sonhador ingênuo por tanto se haver esforçado para se tornar um artista que cria para o mundo. Por fim, concluiu que um artista deveria sê-lo apenas para si

mesmo, para a elevação do próprio coração, e para alguns outros poucos que o entendessem. E não posso dizer que tal ideia seja completamente descabida.

Mas quero resumir brevemente o resto da vida de meu Joseph, pois sua lembrança muito me entristece.

Viveu vários anos ainda como mestre de capela, e ininterruptamente cresciam tanto seu enfado como a consciência incômoda de que ele, com todos seus sentimentos profundos e percepção aguçada para a música, não era de utilidade alguma para o mundo e causava menor impacto do que um artesão qualquer. Com frequência pensava melancólico no entusiasmo puramente ideal de seus tempos de rapaz, e por vezes também em seu pai, que despendera tantos esforços para que se tornasse médico, apaziguasse o sofrimento dos homens, curasse os desgraçados e pudesse assim ser útil ao mundo. Talvez tivesse sido melhor! – pensava nessas horas.

Com o passar do tempo, seu pai quedou-se enfraquecido pela idade. Joseph escrevia sempre à irmã mais velha e lhe enviava auxílio para os cuidados com o pai. Não se atrevia a visitá-lo pessoalmente; isso lhe parecia impraticável. Andava taciturno, sua vida desandava. Certa vez, apresentara uma nova e bela composição de seu punho na sala de concertos: pareceu-lhe que, pela primeira vez, conseguira tocar o coração da plateia. Uma admiração geral, uma ovação solene, que é sempre mais bela do que uma ovação calorosa, alegraram-no com a ideia de que houvesse finalmente criado uma obra digna de admiração. Sentiu seu ânimo restituído para trabalhar em novas composições. Ao sair para a rua, acercou-se dele uma moça maltrapilha e quis falar-lhe. Ele não sabia o que dizer. Fitou-a e – por Deus! – percebeu que era sua irmã mais nova nos mais miseráveis andrajos. Ela havia caminhado de casa até ele para trazer-lhe a notícia de que seu pai se encontrava à beira da morte e desejava urgentemente vê-lo uma última vez antes de partir. Neste momento, todos os cânticos que inundavam seu peito se romperam; aprontou-se em um atordoamento letárgico e apressou-se para a cidade natal.

Não quero descrever as cenas que se passaram no leito de morte do pai. Não creia o leitor que trocaram longas e dolorosas palavras, entenderam-se profundamente com algumas poucas. Parece mesmo ironia da natureza que apenas nesses últimos

momentos as pessoas realmente se entendam. Contudo, Joseph ficou dilacerado até seu âmago. Suas irmãs encontravam-se nos mais deploráveis estados. Duas viveram mal e fugiram; a mais velha, a quem sempre enviava dinheiro, desperdiçara a maior parte destes recursos e deixara o pai esmorecer; e este agonizou até a morte diante de seus olhos. Ah, era estarrecedor ver seu pobre coração tão ferido e açotado. Cuidou de suas irmãs tão bem quanto pôde e retornou à cidade, impelido por negócios.

A Páscoa aproximava-se e ele recebera a incumbência de compor uma Paixão, peça ardentemente cobiçada por seus invejosos rivais. Contudo, ele irrompia em pranto toda vez que se punha a trabalhar; não havia jeito de salvar-se de seu próprio coração partido. Jazia subjugado e soterrado sob a escória desta terra. Finalmente irrompeu com ímpeto e lançou as mãos aos céus na mais devota prece: seu espírito banhou-se com a mais excelsa poesia, com cânticos arrebatadores e exultantes, e ele escreveu, tomado por um arroubo miraculoso, mas ainda assim atribulado por fortes agitações da alma, uma Paixão que, com todas suas melodias mordentes e com toda a pungência da paixão, há de se eternizar como obra-prima. Sua alma era como um homem enfermo que, em milagroso paradoxo, demonstra mais força que um homem são.

No entanto, no dia sagrado, após reger o oratório na catedral com suma tensão e ardor, sentiu-se pesadamente lasso e frouxo. Uma fraqueza dos nervos cobriu todas as suas fibras como um orvalho sinistro. Seguiu combalido por um tempo e faleceu em seguida, no florescer de seus anos.

Derramei algumas lágrimas por ele, sinto um sentimento curioso quando contemplo a história de sua vida. Por que quis o céu que, durante toda sua vida, a batalha entre sua sensibilidade etérea e a pífia miséria deste mundo o tornasse tão infeliz e acabasse, ao final, por cindir seu ser composto de espírito e carne e por arrancar um ao outro?

Nós não compreendemos os caminhos dos céus. Mas permitamo-nos, contudo, adorar a diversidade dos espíritos elevados que o céu cedeu à terra em serviço da arte.

Um Rafael criou, em toda sua pureza e ingenuidade, obras das mais majestosas, onde vemos o céu inteiro; um Guido Reni, que levou uma vida desregrada de jogador, pintou as mais meigas e santas telas; um Albrecht Dürer, singelo habitante de

Nuremberga, trabalhava em suas comoventes obras com uma diligência ferrenha e mecânica, no mesmo calabouço em que sua esposa perversa o destratava diariamente; e Joseph, cuja harmoniosa obra é repleta de mística beleza, era diferente de todos aqueles outros!

Ah! Tinha de ser consumido justamente por sua *elevada fantasia*? Devo dizer que ele talvez fosse predestinado a *desfrutar* da arte e não a *criá-la*? Serão mais bem-aventurados aqueles sobre os quais a arte atua como um gênio encoberto silenciosa e dissimuladamente e, portanto, não atravanca seu trabalho sobre a terra? E deve mesmo o homem eternamente inspirado entrelaçar sua elevada fantasia à sua vida terrena brava e decididamente, com um nó firme, caso aspire a ser um verdadeiro artista? Sim, não será essa indecifrável força criadora algo completamente diferente – como me parece –, algo ainda mais maravilhoso, ainda mais divino do que a força da fantasia?

O espírito da arte é, e sempre será, um eterno mistério para o homem, que pisará em falso toda vez que tentar investigar suas profundezas; mas também será sempre a eterna causa do supremo deslumbramento: que é o que se pode dizer de tudo o que há de grandioso no mundo.

E, contudo, após estas recordações do meu Joseph, nada mais posso escrever. Encerro meu livro e desejo apenas que ele seja oportuno a alguns leitores para o despertar de bons pensamentos.

### Referências:

BOLLACHER, Martin. *Wackenroder und die Kunstauffassung der frühen Romantik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.

WACKENRODER, Wilhelm Heinrich e TIECK, Ludwig. *Herzensergießungen eines kunstliebenden Klosterbruders*. In: MARTINI, Fritz. *Klassische deutsche Dichtung*. Freiburg: Herder, 1963.

NEHRING, Wolfgang. Anhang, Dokumente – Erläuterungen, Bibliographie – Nachwort. In: WACKENRODER, Wilhelm Heinrich e TIECK, Ludwig. *Phantasien über die Kunst*. Stuttgart: Philipp Reclam jun. GmbH & Co., 1983, p. 121-158.

WACKENRODER, Wilhelm Heinrich e TIECK, Ludwig. *Herzensergießungen eines kunstliebenden Klosterbruders*. Stuttgart: Philipp Reclam jun. GmbH & Co., 1979.